RESGATE CULTURAL DO DISTRITO DE NOSSA SENHORA DO Ó ATRAVÉS DA MEMÓRIA DOS IDOSOS: POSSIBILIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO CULTURAL

Deomaci Jose Ramos[1]

Isabela Andrade de Lima Morais[2]

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo apresentar um resgate cultural do distrito de Nossa Senhora do Ó, localizado na cidade do Ipojuca, em Pernambuco-Brasil, através das memórias dos idosos, possibilitando contribuir para o segmento de turismo cultural na localidade

O distrito de Nossa Senhora do Ó está a 54 km da capital pernambucana Recife, 45km do Aeroporto Internacional do Recife/Guararapes – Gilberto Freyre e apenas 9km do principal destino turístico de Pernambuco, Porto de Galinhas. Ipojuca está localizada no litoral sul do estado de Pernambuco, possuindo um vasto litoral com 33km, onde se encontram as praias mais procuradas da região, sendo elas: Praia de Porto de Galinhas, Muro Alto, Cupe, Maracaípe, Pontal de Maracaípe, Serrambi, Gamboa e Toquinho.

[1] Graduando do curso de Turismo do Departamento de Hotelaria e Turismo da UFPE.
[2] Orientadora e Professora do curso de Turismo do Departamento de Hotelaria e Turismo da UFPE

Fonte:https://jc.ne10.uol.com.br/blogs/jamildo/2014/12/30/porto-de-galinhas-ganha-mapa-turistico/index.html

Nossa Senhora do Ó está ligada ao leste com Porto de Galinhas, Muro Alto e Cupe, ao norte com as terras da Usina Salgado (atualmente desativada) e o Complexo Portuário de Suape, ao norte com Sítio Canoas, conglomerado de sítios de plantações frutíferas e a oeste por canaviais, sendo direção da sede do Município, Ipojuca.

Localizado próximo dos portos mais importantes do Brasil colônia, Suape e Porto de Galinhas, de onde saiam as principais mercadorias de exportação de pau-brasil, o ouro branco (açúcar) e especiarias do sertão, assim como porto principal de desembarque e contrabando de africanos escravizados na região nordeste do Brasil, Nossa Senhora do Ó possui uma história rica, porém pouco explorada e divulgada a seus moradores.Hoje o município é mais conhecido pelas belezas de suas praias, atraindo demanda do segmento do turismo de sol e mar.

O distrito de Nossa Senhora do Ó possuía, outrora, manifestações culturais populares, tais como: bumba meu boi, função de boi, caboclinho, samba de matuto, cavalo marinho, ciranda, coco de roda, maculelê, dança da peneira, entre outras, que serão apresentadas ao longo deste trabalho. Ao longo dos anos, tais manifestações foram perdendo seu significado coletivo e atualmente não há registros dessas manifestações.

Entendendo que "todo povo tem histórias que contam sobre suas tradições, suas raízes e seu legado e que as histórias são veículos que propiciam o descobrimento de outros lugares, tempos, visões e jeitos numa abordagem múltipla do devir cultural humano” (ABRAMOVICH, 2003), a memória coletiva das comunidades vem se perdendo ao longo dos tempos e Nossa Senhora do Ó não foge dessa triste realidade.

Por meio de diálogos com idosos moradores de Nossa Senhora do Ó, relatou-se que havia manifestações culturais populares nas terras Ipojucanas. Sabe-se que idosos carregam histórias e costumes de um grupo, portanto, fomos à busca das histórias orais, fonte de informação pouco explorada e que não recebe a devida atenção por parte dos pesquisadores. A memória coletiva é aquela de senso comum na comunidade, dispensando registro documental ou qualquer aporte físico para lhe dar credibilidade (HALBWACHS, 1990). Não cabe a nossa pesquisa julgar verdadeiro ou falso as memórias colhidas dos contadores, mas sim transcrevê-las conforme as recebemos. Não

é uma preocupação deste trabalho questionar ou indagar as memórias colhidas, a preocupação é escutar e transcrevê-las conforme colhidas, pois, como afirma Bosi (1994, p.37) "a veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial".

A memória social possui um elo com registros documentais, sejam eles de qualquer natureza, e a memória individual que representa o "eu" do indivíduo dentro do contexto coletivo, sendo essa indissociável da memória coletiva.

A memória coletiva pode ter desaparecido aparentemente, mas ela ainda está viva nas memórias de nossos idosos e não podemos deixar que elas morram, temos que escutá-los e preservar tais memórias.

> A história não é todo o passado, mas também não é tudo aquilo que resta do passado. Ou, se o quisermos, ao lado de uma história escrita, há uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo e onde é possível encontrar um grande número dessas correntes antigas que haviam desaparecido somente na aparência (HALBWACHS, 1990, p. 67)

Buscamos por meio de diálogos com idosos contribuir para a identificação e valorização das manifestações culturais populares que existiam no distrito de Nossa Senhora do Ó, pois como afirma Halbwachs (1990, p.60) "não é na história aprendida, é na história vivida que se apóia nossa memória". Ao desenvolvermos pesquisas com memórias de idosos estaremos valorizando-os como detentor de importante fonte viva de histórias e dando a eles o sentimento de produtivo, tirando-os do ócio e do status de improdutivos dado pela sociedade atual (BOSI, 1994).

O resgate da memória coletiva em Nossa Senhora do Ó só é possível se pararmos para escutar, registrar, valorizar e promover as memórias de seus idosos. Nós que não vivemos em épocas passadas jamais poderemos transcrever uma Nossa Senhora do Ó de outrora, mesmo que tenhamos acesso a documentos históricos de outra época. Faz-se necessário o resgate da memória coletiva para devolvermos o sentimento de pertencimento com o local, a identificação com as origens e raízes e assim contribuir para uma comunidade mais coesa, pois, como afirma Halbwachs (1990, p. 126-127):

> Para encontrar uma cidade antiga no labirinto das novas ruas que pouco a pouco circundaram e transformaram casas e monumentos, [...] não se recua do presente

> ao passado seguindo em sentido inverso e de modo contínuo a série dos trabalhos, demolições, traçados das ruas, etc., que modificaram progressivamente o aspecto dessa cidade. Mas para reencontrar caminhos e monumentos antigos, conservados, aliás, ou desaparecidos, guiamo-nos pela planta geral da cidade antiga, transportamo-nos em pensamento até lá, o que é sempre possível àqueles que ali viveram, antes que se tivesse ampliado e reconstruído os velhos quarteirões, e para quem esses muros ainda de pé, essas fachadas de outro século, esses trechos de ruas guardam sua significação de outrora.

Assim, esta pesquisa pretende apresentar quais as manifestações culturais que existiam no distrito de Nossa Senhora do Ó, Ipojuca-PE, por meio da memória de seus moradores idosos, esperando, com isso, criar possibilidades para o segmento do turismo cultural na região, visto que hoje o município é conhecido por suas praias, como Porto de Galinha, Muro Alto, Cupe, Maracaípe, Pontal de Maracaípe.

JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa se justifica pelo fato de que atualmente não identificou-se por registros históricos e documentais, dentro do distrito de Nossa Senhora do Ó, memórias acerca de manifestações culturais que promovam a manutenção do sentimento de pertencimento por parte dos munícipes, principalmente com relação aos jovens que, por não possuírem acesso à tais informação e a vivência de manifestações culturais populares que serão aqui apresentadas, poderão se ver dentro de um contexto de não reconhecimento e identificação de aspectos importantes acerca da cultura do distrito estudado.

Portanto, para além dos fins acadêmicos faz-se necessário contribuir para a perpetuação da memória local e manutenção dos registros relacionados a cultura de Nossa Senhora do Ó visto que atualmente a escassez de informações pode vir a ser um agravante para o apagamento da cultura local sendo essa pesquisa uma possível ferramenta para mudança deste cenário. Para além disso, contar e registrar histórias por meio daqueles que vivenciaram experiências que atualmente não se encontram mais no cotidiano da região pode vir a ser ferramenta de promoção de políticas culturais que promovam atividades quanto resgate e a promoção de tais manifestações havendo

potencial para mudança do cenário turístico na região, incluindo, para além do turismo de sol e praia o turismo cultural que ainda se mostra incipiente.

METODOLOGIA

Na primeira fase foram utilizados os recursos das pesquisas bibliográficas e documental. Em um segundo momento, após o estudo realizado, foi desenvolvida a pesquisa de campo, realizada entre os meses de abril e maio de 2017, na qual foram realizadas entrevistas não estruturadas com os idosos, usando também os recursos da história oral, assim como a pesquisa narrativa.

Participaram da pesquisa 04 (quatro) idosos atendidos pelo Projeto Vida Ativa, desenvolvido pelo Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) de Nossa Senhora do Ó, através da Secretaria e Bem Estar Social (SEBES) da Cidade do Ipojuca.

Para que houvesse uma criação de vínculo entre pesquisador e entrevistados, foi necessário a participação nas atividades desenvolvidas pelo citado projeto naquela localidade.

As entrevistas com os idosos foram gravadas em áudio e transcritas de forma literal e os resultados serão apresentados através de análise do discurso.

Nessa obra não buscamos aprofundar a discussão sobre o estudo da memória em si, mas colher a memória dos idosos referente as manifestações culturais existentes em Nossa Senhora do Ó, Ipojuca-PE. Usaremos como aporte teórico os estudos produzidos a respeito da memória coletiva de Maurice Halbwacks (1990) e memória dos velhos de Ecléa Bosi (1994), entre outros estudiosos que contribuíram de forma significativa para o estudo da memória.

BREVE HISTÓRICO DE NOSSA SENHORA DO Ó

O povoado de Nossa Senhora do Ó fez parte do processo de colonização do Brasil, não possuindo uma data exata de sua fundação, porém registros (LEÃO, 2004) apontam sua localização ainda no primeiro século de colonização.

Os principais engenhos de cana de açúcar do vale do Ipojuca surgiram das sesmarias, concedidas por Duarte Coelho e por seus sucessores que tinham o interesse claro de transformar sua capitania em um pólo produtor de açúcar. Alguns fatores contribuíram para o rápido crescimento da região do vale de Ipojuca, conforme aponta Leão (2004, p. 22.) “com dois portos: Suape e Porto de Galinhas entre 1550 e 1650 Ipojuca era um dos mais importantes centros do sistema Colonial, possuindo ainda mais de 30 engenhos e um rio navegável até o meio do seu território”.

No século XVIII o açúcar entra em decadência, perdendo os mercados Europeus. Com isso, São Miguel de Ipojuca vê a formação do Núcleo Urbano da Vila Rebelde de Nossa Senhora do Ó de Ipojuca, formada pelos perseguidos do sistema colonial. Nessa época sobravam terras arenosas próximas ao litoral e dentro dos manguezais, porém essas terras não eram propícias para plantações de cana, assim o foram desenvolvidas outras atividades econômicas, passando a ser um grande produtor de frutas e um núcleo urbano com pequenas fábricas, que em 1817 já ultrapassava Santo Antônio do Cabo, São Miguel de Ipojuca e a Vila Formosa de Sirinhaém, despontando assim sua importância socioeconômica para a região.

O escritor francês Tollemnare chegou a lamentar que, com tanta organização e desenvolvimento econômico, o Estado Colonial Brasileiro não reconhecesse a Organização Oense,

> A existência de uma polícia independente da polícia de Pernambuco, refinaria de açúcar, felou de B, Xicuta, gengibirras, fábricas de charutos, da Rua dos Ourives em Desafio as Casas das Índias e da moeda, que proibiam essa profissão na Colônia, mostra que senhora do Ó de Ipojuca se não estava fora desobedecia abertamente ao sistema colonial (LEÃO, 2004, p.33)

Nossa Senhora do Ó estava na vanguarda do desenvolvimento para sua época, possuindo um colégio cujos ideais vinham da França, onde pregava liberdade, igualdade e fraternidade.

A criação do Município de Nossa Senhora do Ó ocorreu em 30 de março de 1846 em decorrência da vitória de Antônio Pinto Chichorro da Gama para presidente da Província de Pernambuco (LEÃO, 2004). Então Nossa Senhora do Ó dominava politicamente as terras do Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca, após a Revolução Praieira em 1852 as forças da cultura canavieira estavam preocupadas com adversários sulistas, então houve uma reaglutinação das forças políticas dos senhores de engenho de Ipojuca, sendo este o momento em que Nossa Senhora do Ó sofreu a primeira investida dos senhores de engenho sendo rebaixada a povoação.

Na segunda metade do século XIX, após Nossa Senhora do Ó ser rebaixada à categoria de vila, a sede da cidade entrou em disputa entre os distritos de Ipojuca e Nossa Senhora do Ó, ficando conhecida como Vila das Trouxas visto que nesse período passou por cerca de dez mudanças com relação a sua sede sendo a única cidade do estado de Pernambuco que passou por este episódio em sua história.

O combate final deu-se em 1891 quando as tropas da polícia de Pernambuco aliadas aos jagunços dos senhores de engenho derrotaram, na Rua da Batalha, as tropas da polícia de Nossa Senhora do Ó sob o comando do sargento José Jerônimo.

Em 1891 com a criação da Usina Salgado, Nossa Senhora do Ó deixou de ser uma cidade de pequenas indústrias e comerciantes para se tornar uma cidade dormitório.

Diante da história documental que foi apresentada, sabemos da importância da história de Nossa Senhora do Ó e quão necessário é o aprofundamento em pesquisas para resgatar ainda mais nossa memória, vale lembrar que a história sempre foi escrita pelos detentores do poder, ou seja, pelos homens brancos que pertenciam a aristocracia da época, ficando à margem as histórias daqueles que não possuíam o conhecimento da escrita, que em sua maioria eram formados pelos indígenas e africanos escravizados no Brasil por mais de três séculos, sendo assim, a única forma de passar sua história e

cultura para as gerações seguintes, era através da história oral, sendo o idoso/velho o guardião e responsável por levar adiante, como afirma Bosi (1994).

Sendo assim, esta pesquisa teve a preocupação de revirar o passado, escutando aqueles que viveram em outras épocas, as quais jamais podem voltar. Então, a seguir poderemos conhecer algumas manifestações culturais que aqui aconteciam, sendo lembradas pelos idosos que fizeram parte dessa escuta.

OS IDOSOS E AS MEMÓRIAS

A sociedade contemporânea está em busca de uma maior longevidade e tal fato tem sido logrado ao longo dos anos. A perspectiva de vida tem aumentado significativamente, a exemplo do Brasil, onde a perspectiva de vida passou de 33,7 anos em 1900 para 75,4 anos em 2014, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Porém, ao mesmo tempo em que se busca uma maior longevidade, a sociedade acaba por desprezar o idoso, reservando para ele um lugar de desprezo e inutilidade.

A sociedade contemporânea possui uma preocupação exagerada quanto ao presente e ao futuro, porém em relação ao passado existe um desinteresse, deixando-o perdido e sem perspectiva de rememoração. A sociedade pós-industrial, ao qual convive com a velocidade e a fragmentação do tempo centrado na produção, não destina tempo para as pessoas idosas, sendo estas vistas como improdutivas. A pessoa idosa encontra-se entre o passado e o presente, mas não há perspectivas para o futuro, encontrando assim uma inadequação à sociedade na qual está inserida, conforme aponta Bosi (1994, p. 63)

> Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, e deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade.

Os idosos que aqui também os chamaremos de recordadores, sempre estão com suas memórias em estado latente, sendo necessário o estímulo e a abertura do ouvir, "o maior número de nossas lembranças nos vem quando nossos pais, nossos amigos, ou

outros homens, no-las provocam" (BOSI, 1994, p. 54-55). Com seu papel na sociedade atual sendo modificados e deixados de lado, os idosos tentam se inserir nos novos papéis a eles atribuídos, porém, tais fatos tem impactos negativos em suas relações sociais onde acabam por desenvolver transtornos, depressão, perda da qualidade de vida e falta de pertencimento com o contexto atual.

Os graus de expectativas para com o idoso variam de acordo com contexto social onde ele está inserido, como por exemplo, um recordador de comunidade tradicional possui um maior respeito e maior espaço social que um idoso que está inserido em um contexto urbano, onde os adultos ativos estão preocupados unicamente com a rapidez da produção e pouco interessado em escutar e abrir espaços para eles.

Na sociedade atual, o indivíduo economicamente ativo não desenvolve a função do lembrar, ficando condicionado o ato de lembrar e reviver a um tempo de lazer, repouso e relaxamento retornando rapidamente a sua vida prática, "para o adulto ativo, vida prática é vida prática, e memória é fuga, arte, lazer e contemplação" (BOSI, 1994, p. 60). Ficando a atividade do lembrar condicionada ao idoso, onde possuem tempo livre e experiências vividas de outrora culminando na reflexão e a rememoração do tempo passado, porém há fatores que são inerentes à natureza do idoso, como o esquecimento, demência entre outros fatores, é nesse momento que os adultos acabam por abandonar seus genitores, arrancando deles a capacidade de aconselhar, lembrar, reviver, transmitir suas experiências e repassar nossa história.

> Nos cuidados com a criança o adulto "investe" para o futuro, mas em relação ao velho age com duplicidade e má-fé. A moral oficial prega o respeito ao velho, mas quer convencê-lo a ceder seu lugar aos jovens, afastá-los delicada, mas firmemente dos postos de direção. Que ele nos poupe de seus conselhos e se resigne a um papel passivo. Veja-se no interior das famílias a cumplicidade dos adultos em manejar os velhos, em imobiliza-los com cuidados para "seu próprio bem". Em priva-los da liberdade de escolha, em torna-los cada vez mais dependentes "administrando" sua aposentadoria, obrigando-os a sair de seu canto, a mudar de casa (experiência terrível para o velho) e, por fim, submetendo-os à internação hospitalar (BOSI, 1994, p. 78).

Como citado por Bosi (1994), o idoso tem uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, da instituição, da sociedade. É nesse ato de lembrar e reviver o passado que o idoso se enche de alegria ao mostrar suas histórias e lembranças, quando encontra ouvidos atentos e com disposição para escutá-los. Nesse momento de repasse

de conhecimentos é possível encontrar em suas falas nostalgias, felicidades, revoltas, amarguras, decepções entre tantos sentimentos que permeiam sua vida. A arte de narrar, contar história vem sendo colocada de lado ao longo dos anos, reflexo das sociedades cada vez mais industrializadas, dos avanços tecnológicos e êxodo dos integrantes das famílias em busca de oportunidades de emprego em outras cidades ou regiões. Na era da informação instantânea é cada vez menor a troca de experiências entre pessoas, principalmente parar para escutar conselhos de nossos pais e avós, onde "o narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam" (BOSI, 1994, p. 85).

Com a larga produção de informação em massa, vemos cada vez mais a assimilação da cultura do outro ao invés do conhecimento da própria cultura e história. Com o passar dos anos, aquela sociedade perde o elo com o lugar, desconhece a própria cultura e o grupo ficará menos coeso. O recebimento de excesso de informação pode atender a necessidade de conhecimento, porém não há uma real assimilação devido a velocidade com a qual é adquirida, sendo o aposto quando há o costume e a valorização da rememoração ao longo dos anos a partir de seus recordadores, pessoas essas que viveram e presenciaram fatos que não constam na história oficial. Essa troca entre narrador e escutador era tão intensa que os escutadores esqueciam-se de si, adentrando a fundo nas histórias contadas, porém essa relação construída a centenas de anos vem se perdendo dias após dias. "Entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve poder ser reproduzido [...] A história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzam, prolongando o original" (BOSI, 1994, p. 90).

AS MEMÓRIAS DOS IDOSOS DE/SOBRE NOSSA SENHORA DO Ó

As memórias colhidas serão aqui apresentadas e para manter a privacidade dos entrevistados, tais memórias serão identificadas apenas pelas iniciais acompanhadas da idade dos mesmos. MLS, 85 anos, MJG, 87 anos, NAS, 83 anos e MCGS, 90 anos. Os idosos mencionados fazem parte do projeto social Vida Ativa, desenvolvido pela Secretaria de Assistência Social de Ipojuca, alocado no Centro de Referência e

Assistência Social - CRAS. Tal projeto visa desenvolver atividades culturais, lúdicas e físicas para os idosos de Ipojuca.

As memórias colhidas foram realizadas de forma individual, e em momentos diferentes, no período de abril e maio de 2017, porém todas elas entram em sintonia quanto às atividades culturais que existiam em Nossa Senhora do Ó. Função de Boi, Samba de Matutu, Quadrilha junina, Coco de Roda e Cavalo Marinho foram manifestações culturais relatadas de forma unânime entre todos os idosos, além dessas manifestações, outras foram citadas pelos idosos, tais como, os Blocos Carnavalescos "Última Hora" e "Flor da Manhã".

Segundo MJG, 87 anos, o bloco "Última Hora" era organizado pelo Senhor Vitor, e saía da Rua da Palha, antiga Rua do Cabaré, na área antiga de Nossa Senhora do Ó. Sr. Vitor, também era responsável por levar alegria e entretenimento ao realizar o Pastoril e Coco de Roda nas feiras públicas que aconteciam no Pátio do Mercado público que outrora funcionava, sendo hoje localizado na Praça José Victor. Ainda segundo a mesma, "aqui era bom demais, a gente saía sem medo, ali onde mora Dona Nazaré, não era casa, ali tinha tourada, eu ficava muito animada, era um evento na cidade", no momento deste relato era visível o ar de alegria estampado nos olhos de MJG ao lembrar-se do tempo passado.

Já o Sr. NAS, no auge de seus 79 anos de pura lucidez, descreve com muita alegria as rodas de samba de matuto que aconteciam no Sítio Canoas, área rural de Nossa Senhora do Ó, próximo ao sítio de Juvenal Obaca e na praça do mercado, confirmando assim a mesma localização dada por Dona Mariquinha. Sr. NAS relatou o nome do mestre de samba de matuto, um senhor conhecido como Fuminho, que também era mestre da Função de Boi e Cavalo Marinho. Ainda segundo ele, "não podia faltar quadrilhas no São João, Albertino era o puxador da quadrilha e tinha fogueira por todos os lados".

MLS, de 85 anos, muito conhecida em Nossa Senhora do Ó é uma frequentadora assídua da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Ó, além de seu esposo ter sido vereador da cidade por dezesseis anos e subprefeito do distrito. Ela lembra: "eu dançava tanto função de Boi, quando tocava aquele bombo... sempre era ali perto da Igreja ou na praça

do mercado, não é esse daqui não, era onde é antiga delegacia". Além da função de Boi, ela lembra bem do samba de matuto, pastoril, coco de roda, "a gente ia bater até na praia, em Ipojuca pra dançar o coco, o samba de matuto."

Em todos os momentos de coleta de memórias, a alegria de lembrar e reviver o passado mesmo que em diálogos era visível em todos os idosos. A recordadora finalizou nosso encontro dizendo "Apoi meu filho, o Ó era bom demais!". Percebe-se nesse momento uma nostalgia do tempo passado, uma mistura da tranquilidade do passado, das festividades sadias ou pelo fato de voltar ao passado por alguns minutos, despertando o lembrar e o reviver a partir de sua fala.

MCGS, 90 anos, nasceu em Alagoas, porém chegou a Nossa Senhora do Ó aos 08 anos de idade, morou na Usina Salgado por cerca de 10 anos e desde então reside em Nossa Senhora do Ó. Apesar de ter sido "muito presa" por seus pais, em alguns momentos de festas populares como festa da padroeira, São João, São Pedro e Natal, sempre participava com e recorda bem da função de Boi, Samba de Matuto, das La Ursa no carnaval e do bloco Última Hora, sendo o local da manifestação cultural o Pátio do Mercado, local sempre lembrado por todos os outros idosos.

Aqui se procurou transcrever as memórias de maneira literal, sem a preocupação em corrigir os lapsos de memória referentes as falas dos entrevistados pois este é um ponto inerente a idade dos entrevistados que em lapsos de memória e tempo, coisas que são inerentes a idade humana.

Agora sabendo das manifestações culturais existentes, lançamos luz sobre a discussão do por que não haver mais tais manifestações e porque o hábito de contar história vem se perdendo ao longo dos anos, de acordo com Bosi, (1994, p. 84)

> Porque decaiu a arte de contar histórias? Talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências. A experiência que passa de boca a boca e que o mundo da técnica desorienta. A guerra, a burocracia, a tecnologia desmentem cada dia o bom senso do cidadão; ele se espanta[...] mas cala-se porque lhe é difícil explicar um todo irracional

Todas as manifestações culturais citadas acima têm origem africana, é inegável a contribuição do povo africano ao Brasil, seja por suas danças, gastronomias, crenças, forma de ver a vida entre tantas outras características que carregamos nos dias atuais.

De acordo com Santos (2014) dados do censo populacional de 1872, aponta Nossa Senhora do Ó como o núcleo urbano da região e que possuía uma Paróquia de mesmo nome, onde era composta pelos povoados de Ipojuca, Camela, Gaipió, Porto de Galinhas, Gitaí e Cupe, com uma população de 19.420 pessoas, sendo 3.315 escravizados e 16.105 livres sendo que sua grande maioria vivia na zona rural, já de acordo com o censo de 1890, viviam 9.196 pessoas. Acredita-se que esse decréscimo populacional foi também decorrente das epidemias que propagaram pela região e que vitimaram principalmente os escravizados e os pobres livres, devido a péssima condição de vida.

Nossa Senhora do Ó sempre esteve dentro do sistema colonial brasileiro, com uma população significativa de pessoas negras até os dias atuais e ainda assim é difícil encontrar manifestações culturais advindas dos povos africanos que para cá foram trazidos. Santos (2014) realizou um profundo estudo sobre a abolição e o pós-abolição, sendo seu campo de estudo as cidades de Ipojuca e Escada, ambas na mata sul do Estado, onde a cultura escravagista era amplamente desenvolvida, neste estudo, a autora destacou um caso emblemático, um inquérito instaurado na subdelegacia do 2° Distrito em Nossa Senhora do Ó no ano de 1890, apenas dois anos após a abolição:

> Em 28 de junho de 1890, véspera de São Pedro, Cláudio Pergentino Ferreira do Monte, casado, cozinheiro e de quarenta anos de idade saiu a tarde de sua casa no Engenho Salgado. Vestido com o palitot para ir à procissão de Nossa Senhora do Ó. Mais tarde ele foi informado que teria na frente da igreja um brinquedo de bumba meu boi devidamente autorizado pelo subdelegado. Claudio resolveu ficar na frente do estabelecimento do capitão João Manoel onde seria a apresentação. O local estava repleto de espectadores para assistir a função até que chegou um moço chamado Liberato e diz que não levava em conta a mulher de nenhum negro do Engenho Salgado... Os bois atraíam ex-escravizados e a população em geral dos vários engenhos vizinhos à localidade. Uma testemunha disse que havia mais ou menos trezentas pessoas assistindo a função. Esse folguedo, certamente, era um evento que ocorria com certa frequência em áreas urbanas e rurais, pelo menos nos períodos das festas de Natal e dos festejos juninos (SANTOS, 2004, p. 161-162).

Como se percebe, havia essa manifestação cultural do bumba-meu-boi em Nossa Senhora do Ó e tal manifestação cultural era de grande relevância para seus brincantes, pois já estava enraizada no calendário local, uma lástima tal manifestação ter se perdido e ter sido esquecida ao longo do tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Valorizar, resgatar e salvaguardar as memórias de nossa sociedade contribui para um maior conhecimento do nosso meio como também o desenvolvimento do sentimento de pertencimento com o lugar e a história, "ao negar a velhice, a sociedade contemporânea acaba por negar, também, muitas memórias, identidades, conhecimentos, entre outros elementos, que forjaram o que somos hoje" (BEZERRA e LEBEDEFF, 2012, p. 1296).

A memória coletiva é fruto da interação dos indivíduos na sociedade, são resultados de trocas de experiências e vivências de atores sociais. Halbwachs (1990) concebe a memória como um fenômeno inteiramente coletivo e que o comportamento do indivíduo é determinado por fatores que se impõem a ele desde o meio externo. Toda localidade possui características particulares, e essa diversidade é enriquecedora “quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele o transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta às coisas materiais que a ele resistem” (HALBWACHS, 1990, p. 131).

Ao longo dos anos a sociedade tem desenvolvido outras formas de armazenar suas produções e memórias, como por exemplo, livros, jornais, revistas, dispositivo de armazenamento eletrônico, entre outros e isso fez com que a função do idoso, mencionado por Bosi (1994) fosse esquecida e desvalorizada.

> É contraditório pensar que a sociedade contemporânea aprimore seus meios de armazenamento e registros do passado e, contudo, ignore a pessoa idosa como potencial arquivo vivo de memórias de um tempo ao qual não temos acesso. O tempo passado, presente na memória de idosos e em seus saberes (BEZERRA e LEBEDEFF, 2012 p.1289).

Ainda segundo Halbwachs (1990), o compartilhamento da memória contribui para a formação de uma "comunidade de sentimentos", fazendo com que o grupo social fique mais coeso e desenvolva sentimento de pertencimento com aquele lugar, monumento histórico, manifestação cultural entre outros elementos. A memória é vida, representa a

história do lugar, os costumes, as tradições, as formas de enxergar o mundo e sem a preservação dessas memórias dificilmente os indivíduos se reconhecerão naquela localidade e naquele grupo. A memória coletiva é viva, retrata algo ocorrido no passado como se estivesse ocorrendo no presente, ela não possui diretrizes escritas, ela acontece de forma natural.

Ouvir e resgatar as memórias das pessoas idosas que fazem parte do projeto social Vida Ativa, desenvolvido pela Secretaria de Assistência Social de Ipojuca, alocado no Centro de Referência e Assistência Social – CRAS, revelou diversas manifestações culturais esquecidas e inexistentes hoje no distrito de Nossa Senhora do Ó, localizado na cidade de Ipojuca.

Atualmente, a cidade de Ipojuca é conhecida pelo desenvolvimento do Turismo de Sol e Mar, pelas suas praias, especialmente, Porto de Galinhas foi transformada ao longo dos últimos 30 anos neste importante destino turístico, rico em belezas naturais, porém, que carrega contradições em sua forma de desenvolvimento socioeconômico da atividade turística.

Com mais de 15 mil leitos disponíveis no balneário de Porto de Galinhas, possui uma ocupação média anual de 70% conforme apontou o Convention & Visitors Bureau - CVB. Hoje Porto de Galinhas é o principal destino turístico do Estado de Pernambuco, foi eleita 10 vezes consecutiva como a melhor praia do Brasil na década de 90 e tem se mantido como destino preferido dos brasileiros, é o que aponta a pesquisa realizada em 2020 pelo Ministério do Turismo, onde Porto de Galinhas aparece como o 9° destino mais procurado pelos brasileiros no ano de 2020 e hoje ocupa a 5° posição segundo pesquisa da Omnibees[3].

Contudo, o resgate e o desenvolvimento de manifestações culturais nessa região poderiam alavancar o turismo cultural. O Ministério do Turismo no Brasil - MTur em suas definições nos marcos conceituais dos segmentos de turismo apresentou a seguinte definição: "turismo cultural compreende as atividades relacionadas à vivência do conjunto

[3]Disponível em: https://www.cbnrecife.com/artigo/porto-de-galinhas-e-o-9-destino-mais-procurado-do-brasil-por-turistas

de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura" (2010, p. 15).

A motivação do deslocamento do turista até o destino onde se encontra determinada cultura é que representa um ponto importante para definição do conceito de turismo cultural, pois o turista cultural desloca para determinado local no intuito, busca, motivo e intenção de vivenciar, contemplar e interagir com a cultura daquele lugar ou povo.

Em Ipojuca é inexistente uma política turismo cultural, há uma ausência de legislação municipal de fomento à cultura, acarretando em uma carência de projetos de turismo cultural, conforme apontado pelo Plano Municipal de Cultura (2022-2032). Sabendo dessa deficiência se faz necessário um maior planejamento onde possa abranger um grande número de segmentos turísticos possíveis, diversificando a atividade turística em todo território da cidade de Ipojuca, sobretudo no distrito de Nossa Senhora do Ó, objeto deste estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil**: gostosuras e bobice. São Paulo: Scipione, 2003.

BEZERRA, Daniele Borges; LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. Lugares de Afeto Nada Empoeirados: uma discussão sobre memória e identidade do idoso asilado, o registro como promoção de saúde mental. In. **Anais do XI Encontro Estadual de História**: História, Memória, Patrimônio. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2012, pp. 1288-1299. Disponível em: http://www.eeh2012.anpuh-rs.org.br/resources/anais/18/1346275547_ARQUIVO_textoanpuhrevisado.pdf

BOSI, Cléa. **Memória e sociedade**: Lembranças dos velhos. 3. Ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Edições Vértices, 1990.

LEÃO, Antônio Geraldo de Souza. A geografia e a história: aqui começa Iapouc – Perah-Nabouc – Pindorama. Ed. do Autor, 2004.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Turismo Cultural**: orientações básicas. 3. ed.. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

SANTOS, Maria Emília Vasconcelos dos. **Os significados do 13 de maio:** a abolição e o imediato pós-abolição para os trabalhadores dos engenhos da zona da mata sul de Pernambuco (1884-1893). Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, SP, 2004.